

## Introdução

### *Mestiçagens no Mundo Moderno*

Para além de ser um tema que continua a suscitar debates, as misturas entre “qualidades” e entre “nações”, isto é, as mesclas que hoje chamamos de biológicas e culturais, marcaram indelevelmente a formação do mundo moderno. Embora não fosse vínculo obrigatório, o desenvolvimento dos fenómenos esteve particularmente associado ao universo laboral, sobretudo à escravidão e às diversas modalidades de trabalho compulsório. Nos vastos domínios ibéricos, esta interseção ocorreu precoce e intensamente, envolvendo um novo protagonista – o “índio” –, para além dos naturais da África, do Oriente, da Europa e dos próprios mestiçados nascidos nos territórios das conquistas, produzindo complexas realidades, muito mais profundamente misturadas que as sociedades precedentes ao processo da expansão moderna. Estudar estes aspetos, portanto, equivale a conhecer melhor um dos eixos essenciais, em torno dos quais o mundo moderno se constituiu, diferenciando-se das épocas que o antecederam.

Embora “mestiçagem” seja um conceito cunhado nas áreas biológicas, no século XIX, o seu emprego retroativo é amplamente aceitável e justificável, desde que explicitada a sua definição com as devidas distâncias em relação aos entendimentos atuais. Desde o fim do século XVIII, mas principalmente ao longo do século XIX, antes mesmo do surgimento do conceito, desenvolveu-se uma perspetiva biologizada, racista e evolucionista para classificação de culturas, gentes e nações, mais tarde fortalecida por aportes geneticistas e eugénicos. A perspetiva da raciologia científica, que se afirmou em Oitocentos, impôs à classificação das populações marcas fixas atreladas a componentes biológicos, com desdobramentos morais e sociais, marcadores muitas vezes entendidos como atemporais, que se associaram aos conceitos de “raça” e “mestiçagem”. Obviamente, as mestiçagens que nos propomos a estudar neste Caderno Temático não se definem por estes parâmetros, mas pelo entendimento anterior de misturas entre distintas “qualidades”, que, por sua vez, se explicavam por meio das noções de origem, procedência, linha-

gem e fé professada por indivíduos, famílias e grupos sociais. É esta a base preponderante, sobre a qual se empregaram as formas de identificação, de classificação e de hierarquização sociais até às primeiras décadas do século XIX, sendo também esta a base sobre a qual os artigos deste Caderno foram produzidos.

Escrevem nele, especialistas com reconhecida inserção na área de estudos, cujos trabalhos têm norteado as discussões mais recentes sobre a temática. Individualmente ou a duas mãos, uns abordaram os temas em perspectiva comparada e conectada, outros trataram aspetos específicos, espacialmente recortados. Os subtemas abrangem óticas variadas, por vezes conectadas, tais como a constituição de famílias mistas, as expressões culturais e religiosas, as ações políticas, o desenvolvimento demográfico, as ocupações espaciais, a constituição de grupos sociais específicos e a recriação de hierarquias, o universo do trabalho, as práticas de libertação, as biografias e o emprego lexical. O conjunto de artigos que o leitor aqui poderá encontrar, permite uma aproximação a realidades aparentemente apartadas, evidenciando a sua complexidade e as íntimas correlações e articulações históricas ocorridas entre elas, assim como a circulação de mestiçados, de “taxionomias”, de práticas, de definições e mesmo de culturas mestiças, à escala global. Todos os estudos assentam em densas pesquisas documentais, bem como nas metodologias e no *corpus* concetual que têm caracterizado a reconhecida produção dos autores.

Estamos cientes do potencial historiográfico do tema e do tipo de abordagem que aqui se propõe. O Caderno Temático nasceu com o propósito de explicitar esta riqueza e expor os dilemas inerentes às perspetivas inovadoras da análise historiográfica. É nosso desejo, também, que o conjunto de textos que o compõem se tornem referência para especialistas e jovens investigadores que se iniciam nos estudos de temática tão importante e atual, por continuar a marcar as nossas formas de viver e de pensar.

Tendo como referência a riqueza desse campo de investigação e o impacto positivo que ele impõe aos estudos sobre a época moderna, Eduardo França Paiva (Universidade Federal de Minas Gerais) e Carmen Bernand (Institut de France) voltaram aos séculos XVIII e XIX para comparar histórias de mestiçados nas Minas Gerais e em Buenos Aires, tanto as similitudes quanto as muitas diferenças existentes, focando a sua inserção social em contextos de cativeiro e de liberdade. Já Anderson Oliveira (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e Márcio de Sousa Soares (Universidade Federal Fluminense) estudaram o processo de mobilidade social traçado por Domingos Barbosa, um mestiço que no século XVIII acabou por ser ordenado sacerdote do clero secular e designado pároco no Maranhão, examinando as relações

sociais construídas por ele e pela sua família, bem como as variantes do vocabulário classificatório utilizado para identificar esse núcleo familiar marcado por um intenso processo de mestiçagem.

Roberto Guedes Ferreira (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e Silvana Godoy (Doutora em História) escolheram analisar os mamelucos, mulatos e pardos na sociedade paulista do século XVII, a partir de inventários *post-mortem*, refletindo sobre como as formas de classificação social e os termos de mestiçagem aparecem na documentação. Por sua vez, Isnara Pereira Ivo (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) analisou as misturas biológicas e culturais nos sertões do Norte de Minas Gerais e do Centro-Sul da Baía, no século XVIII, a partir dos “homens de caminho”, que eram indivíduos de distintas qualidades e condições sociais, responsáveis pelo abastecimento das áreas mineradoras. Já Eduardo Corona Pérez (Universidad de Sevilla/Universidade Federal de Minas Gerais), comparou a constituição e a composição de famílias mestiçadas na Península Ibérica dos séculos XVI-XVII e nas Minas Gerais do século XVIII, a partir de três pilares: as dinâmicas de mestiçagens, o conceito ampliado de família e a perspectiva histórica comparada-conectada.

Focando o México do período dos Áustrias e dos Bourbons, Norma Angélica Castillo Palma (Universidad Autónoma Metropolitana, México) analisou a atribuição das “qualidades” realizadas pelos párocos, inquirindo sobre se o que ficou registrado nos livros de batismos e casamentos resultou das declarações dos fiéis, do julgamento dos curas ou da verificação de ascendências familiares. Nuno Gonçalo Monteiro (Universidade Nova de Lisboa) tratou das formas de classificação e de hierarquização sociais na Lisboa setecentista, tomando como exemplo o casal de noivos Mariana Vitória da Ascensão e Silva Torres e Gregório Gonçalves Basto, que tiveram que solicitar à Mesa do Desembargo do Paço a supressão da obrigatoriedade do consentimento do pai dele, que se opunha ao casamento, acusando a noiva de ser pobre e de apresentar o estigma do mulatismo por parte de mãe. Já Ana Paula Sena Gomide (Universidade do Estado de Minas Gerais) estudou as classificações e hierarquizações de grupos sociais e indivíduos no Império Asiático português, assim como a formação de sociedades mestiças na região, por meio de narrativas missionárias, escritas entre os séculos XVI e XVII. Finalmente, John K. Thornton (Universidade de Boston) revisitou o tema das tradições religiosas africanas que chegaram às Américas atreladas ao tráfico de escravos, assim como dos sincretismos religiosos no Brasil, explorando também o caso de co-revelação que envolveu a negra Mina Josefa Maria, em Paracatu, Minas Gerais, em 1747.

As amplitudes temporal e espacial propostas neste Caderno Temático tinham mesmo que envolver trabalhos relativos às quatro partes do mundo, bem como assuntos e abordagens que apresentam as mestiçagens como um dos mais potentes elementos propulsores da época moderna. Quando associadas ao escravismo e às estratégias de domínio das coroas ibéricas elas tornaram-se ferramentas práticas ainda mais potentes e moldaram muito do que entendemos hoje como culturas nacionais e culturas globais. Cremos que os textos aqui apresentados são importantes reflexões sobre como as mestiçagens no mundo moderno conectaram *locus* e *orbis* e, assim, consolidaram e aprofundaram processos de globalização em curso. Numa perspectiva historiográfica, as dinâmicas de mestiçagens foram uma dimensão importantíssima da diversidade histórica vivenciada à escala ampla e permanecem imbuídas de relevância ímpar para melhor se compreender o que se define hoje ser História Global.

ANDERSON OLIVEIRA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

anderson.oliveira@unirio.br

<https://orcid.org/0000-0002-4801-5434>

EDUARDO FRANÇA PAIVA

Universidade Federal de Minas Gerais

ef.paiva@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8100-573X>

